

Quando nós nos comunicamos, é importante perguntar: Quem diz o que para quem? Com qual intenção? Em que circunstâncias?

Referente ao nosso tema, faz uma grande diferença se judeus e judias de diferentes grupos, mas com um fundamento em comum, disputam teologicamente, todos/as sofrendo a ocupação militar e sendo politicamente oprimidos/as (como foi o caso no primeiro século) – ou se cristãos/ãs em posição poderosa de maioria absoluta de cima para baixo condenam ou obrigam outros/as a concordarem com eles/as, ou seja, neste caso, impondo-a sua visão à uma minoria judaica, que se encontra em posição muito vulnerável.

Por isso, argumentos bíblicos literal - e fielmente reproduzidos, os quais tinham sua validade no contexto do primeiro século em Jerusalém, podem distorcer totalmente a verdade do Evangelho em condições, situações diferentes, por exemplo, sob o regime nazista, nos anos de 1930, em Berlim. Vivendo em situações diferentes, pode acontecer que hoje tenhamos que declinar de um conteúdo puramente literal para podermos testemunhar com fidelidade a “velha” mensagem do Evangelho. À luz do que aconteceu, precisamos ter muita cautela no trabalho exegético de João 8.44, por exemplo. À luz do sofrimento de judeus e judias, é preciso ouvir, entender, interpretar, pregar e ensinar sobre o sofrimento do Jesus judeu com extremo cuidado. Há algo fundamentalmente errado na proclamação da Boa Nova, quando esta se revela sendo uma má nova para um determinado grupo religioso!

---

*Falem sobre experiências semelhantes que vocês fizeram em outras situações!*

---

### O DESAFIO, DE PERCORRER A PAIXÃO DO JESUS JUDEU

Concluindo, podemos dizer: Somos desafiados a lembrar-nos da paixão de Cristo durante a semana santa de tal forma que, reconhecamos judeus e judias como irmãos e irmãs no Deus de Israel, o qual se revelou em Jesus Cristo a nós não judeus e não judias – para a cura, em vez de um agravamento de divisões neste mundo.

---

*Como a semana santa é celebrada em sua Igreja e na sua região?*

---

**REV. DR. REINHARD BÖTTCHER**

#### The Lutheran World Federation

Department for Theology and Studies  
150 route de Ferney, (P.O. Box 2100),  
CH-1211 Geneva 2, Switzerland

Tel. +41/22-791 61 11 Fax +41/22-791 66 30

E-mail: klb@lutheranworld.org Web site: www.lutheranworld.org



*Este é o quinto folheto de uma série de reflexões teológicas sobre alguns desafios para as igrejas filiadas à Federação Luterana Mundial (FLM). Estes folhetos são editados pelo Departamento de Teologia e de Estudos da FLM, porém, não são posicionamentos oficiais da FLM. Gostaríamos de animar os/as leitores/as a reproduzir, traduzir e adaptar este material para os seus próprios contextos. Para receber esta série de folhetos gratuitamente, favor contatar Ursula Liesch : [Liesch@lutheranworld.org](mailto:Liesch@lutheranworld.org)*

### A PAIXÃO DO JESU JUDEU

Atualmente o filme de Mel Gibson “A paixão de Cristo” está sendo exibido em muitos cinemas, em todo o mundo. A intenção deste artigo não consiste em querer acrescentar mais comentários aos inúmeros que já existem. Queremos, isto sim, refletir sobre uma questão central que o filme aparentemente evoca: Como percebemos o papel que judeus e judias tiveram no drama da semana santa e especialmente na sexta feira santa?

Dificilmente veríamos numa pessoa que vai ao culto numa igreja cristã como sendo alguém que negou Jesus e que o abandonou nas suas últimas horas de vida. Judeus e judias, no entanto, geralmente são identificados/as como pessoas que se posicionaram contra Jesus, inclusive na hora da sua morte.

---

*Qual a imagem de judeus e judias que acompanha você desde a infância? Como você relaciona esta imagem com a morte de Jesus na cruz? Como judeus e judias são apresentados no seu contexto vivencial?*

---

Eu também não me eximo de preconceitos contra judeus e judias, como pastor evangélico luterano na Alemanha. Hoje eu me envergonho da maneira como fiz referências a judeus e judias em algumas das minhas pregações proferidas há uns 25 anos atrás. Libertar-me destas distorções levou muito tempo para mim.

### ANTI-JUDAÍSMO CRISTÃO – UMA TRADIÇÃO LONGA E PODEROSA

Como membros da igreja cristã, independentemente a que confissão pertencemos, estamos emaranhados numa forte tradição anti-judaica. O anti-judaísmo definiu o ser cristão numa delimitação forte às custas de judeus e judias e do judaísmo em geral, baseado em estereótipos negativos. Auschwitz é o ápice do anti-judaísmo, o extermínio em massa de judeus e judias (e outras minorias) na Alemanha, entre 1933 e 1945.

---

*Como foi possível violentar a fé cristã, tão claramente determinada pelo amor, humilhando e destruindo uma comunidade religiosa em nome de Jesus? Como você responderia a esta pergunta?*

---

## ANTI-JUDAÍSMO NO NOVO TESTAMENTO

Tragicamente o anti-judaísmo remonta aos tempos em que foi escrito o Novo Testamento. Lembremos, por exemplo, a forte disputa teológica de Jesus com os fariseus (Marcos 2.23 – 3.6), seu julgamento duro sobre eles (Mateus 23), ou mesmo seu insulto sobre “judeus e judias” como filhos/as do diabo (João 8.44).

O problema se agrava quando refletimos como o sofrimento e a morte de Cristo são apresentadas no Novo Testamento. Quem matou Jesus? Naturalmente, o governador romano Pilatos estava envolvido. Mas, ele não foi concedente à insistência e à pressão judaica para condenar e crucificar Jesus? O povo não havia gritado em uníssono: “Seu sangue venha sobre nós e nossos filhos/as”(Mateus 27.25)? Que há de errado em atribuir a morte de Jesus a judeus e judias, de acusá-los de terem matado Jesus?

---

*Como você entende a história da paixão, neste particular? Como ela foi interpretada na sua igreja?*

---

El emerge uma pergunta melindrosa: Qual é o valor de um credo defendido às custas de outros, uma fé, que necessita denegrir pessoas de outros credos?

## OS EVANGELHOS E OS JUDEUS E AS JUDIAS

Exegetas concordam, afirmando que os quatro evangelhos, incluindo os relatos sobre a paixão, foram escritos somente décadas depois dos acontecimentos a que se referem (entre 70 e 100 anos após o nascimento de Cristo). Aqui precisamos ponderar dois reconhecimentos básicos: por um lado, a intenção primordial dos evangelhos não era narrar a seqüência histórica dos fatos, mas de interpretar a história de Jesus, de testemunhar a Jesus como sendo o Cristo, e de chamar os/as ouvintes para a fé. Por outro lado, a maneira de narrar os fatos está fortemente impregnada de circunstâncias históricas, que predominavam na época, quando os evangelhos foram escritos, mas que em muito divergem das circunstâncias existentes no tempo de vida e sofrimento de Jesus. Entre os dois períodos, a comunidade de fé judaica, bem como a igreja primitiva, passaram por uma caminhada longa, complicada e sofrida.

Nos tempos de Jesus, a comunidade judaica consistia numa mistura de diversos grupos diferentes em sua forma de crer. Comum a todos era o fato de se compreenderem como sendo judeus, comparáveis, talvez, às diversas confissões protestantes de hoje. Um destes grupos consistia numa comunidade de, note-se bem - judeus e judias! – que testemunhavam para outros judeus e as judias o Cristo morto e ressurreto como sendo o Messias de Israel. Isto quer dizer que no início a Igreja emergiu do povo de “Israel”, entendia-se como parte de Israel e não pretendia formar uma comunidade própria. Somente após disputas contundentes sobre a compreensão da lei e da obediência à lei, sobre a circuncisão, sobre o templo e outras perguntas semelhantes, foi crescendo a tensão entre os judeus e judias (e não-judeus e não-judias) crentes em Cristo e os judeus e as judias que negavam Jesus como Messias. Assim, as duas comunidades foram se desenvolvendo em direções opostas, separando-se finalmente.

Dentro desses processos truncados aconteceu por exemplo, que as discussões de Jesus com os fariseus foram infladas até apresentarem contradições intransponíveis. Compare para tal, a discussão pacífica de Marcos 12.28-34 com a contenda muito mais dura de Mateus 22.34-40, escrita anos mais tarde. Este desenvolvimento encontrou seu ápice em João, o mais recente dos quatro evangelhos. Neste evangelho Jesus é contraposto como sendo a luz contra os poderes da escuridão (= “os judeus e as judias”, em última análise; veja especialmente o capítulo 8).

## A PAIXÃO DE JESUS E OS JUDEUS E AS JUDIAS

Há nos evangelhos, dos mais antigos até aos mais recentes, um declive duplo. Por um lado, claramente a culpa do governador romano Pilatos vai desaparecendo; cada vez mais ele é apresentado como sendo um homem fraco, hesitante e que cedeu à pressão judaica. Por outro lado, acentua-se mais e mais a culpa de judeus e judias (de seus representantes, para ser mais exato). Em outras palavras: a responsabilidade pela morte de Jesus é deslocada paulatinamente de Pilatos para os judeus e as judias. Exegetas bíblicos afirmam que esta mudança de visão se deve às tensões entre a igreja cristã em formação e aos judeus e às judias que se negavam a reconhecer Jesus como sendo o Messias de Israel. Este juízo é corroborado por documentos históricos não bíblicos que deixam claro que Pilatos foi um imperador brutal e impiedoso. Além disso, a comunidade cristã, após um recente levante judaico desastroso contra a ocupação romana no ano de 70, estava muito empenhada em apresentar-se como inofensiva ao reinado romano. Afinal, o seu fundador Jesus havia sido morto na cruz, uma morte usada para acabar com rebeldes políticos, que se insurgiam contra o poder de ocupação romana. Numa época em que a igreja primitiva, a olhos vistos, procurava graças junto ao governo em Roma, torna-se compreensível que nos relatos tardios da história da paixão responsabilizava-se, mais e mais, os judeus e as judias pela morte de Jesus, poupando Pilatos.

Desta forma, os quatro evangelhos e suas respectivas histórias da paixão não querem ser relatos históricos exatos dos acontecimentos, mas sim, sua intenção vai no sentido de testemunhar e confessar Jesus como o Cristo/Messias. E a maneira de apresentar os relatos é fortemente impregnada pela luta entre os judeus e as judias (mais e mais também, os não judeus e não judias) que aceitavam Cristo como sendo o Messias e os que rejeitavam esta fé.

Contudo, todos os evangelhos irrestritamente mantiveram o fato de que Jesus é judeu. Porém, à medida em que cristãos/as não judeus e não judias foram se tornando a maioria na Igreja, os judeus e as judias cristãos/cristãs foram marginalizados/as. Jesus, e com ele também as raízes judaicas da Igreja finalmente foram dissolvidas e desarraigadas do seu solo nativo. Quando, no final do quarto século, a igreja cristã não era mais uma minoria ameaçada, mas sim, uma igreja estatal constituída e poderosa, os judeus e as judias acabaram sendo considerados/as exclusivamente como inimigos/as à única verdadeira fé cristã – com conseqüências desastrosas para os judeus e as judias nos séculos seguintes.

---

*Como se relaciona sua própria compreensão da história da paixão com o que acabamos de refletir? Que tal dialogar sobre isto com outras pessoas?*

---